

A poesia cantada, com idosos asilados, na possível re-construção do imaginário

*The poetry sung, with the elderly people of the home
for the aged in the possible re-construction of
imaginary*

Alberlei Schlögl
Altair Macedo Lahud Loureiro
Marcos Ferreira Santos
Carmen Jansen de Cárdenas
Armando José China Bezerra

RESUMO: Foi realizada, entre os anos de 2007 e 2009, a pesquisa “Imaginário, idosos tabagistas asilados e organização de asilos: organizacionalidade antropolítica – IATO”¹ – em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), no Distrito Federal. Para tanto, os idosos participaram conosco de uma oficina de música, um coral, onde pudemos observar como a música, ou poesia cantada, influenciou benéficamente sobre o imaginário dos sujeitos do grupo, os idosos asilados.

Palavras-chave: Idoso; Imaginário; Música.

¹ Projeto interdisciplinar e interinstitucional, aprovado pelo SIGEP/CEP/UCB e pelo CNPq, coordenado pela professora doutora Altair Macedo Lahud Loureiro, integrado ao projeto interinstitucional CNPq: “Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil – ILPIs: tipologia e modelo de atendimento” (2007-2009). UFSC/SC, UECE/CE, IPEA/RJ, UCB/DF, FEPECS/DF.

ABSTRACT: *During the years between 2007 and 2009, was conducted one research namely: Imaginary, elderly smokers of the home for the aged and organization of home for the aged: organizational anthro-politics – IATO² – in one Institution of the longer existence for the aged (ILPI), in the Federal District. For that purpose, the elderly participated with us a music workshop, a choir, where, we could observe how the music, the poetry sung influenced beneficially on the imaginary of the elderly persons.*

Tornar-se Velho

O envelhecimento é individual e singular; “não é apenas uma categoria de idade cronológica, nem de degenerescência física e mental [...]. É apenas uma fase diferente da vida, quem sabe a última, mas ainda vida” (Loureiro, 2000, p. 21). A pessoa velha necessita compreender o seu processo, ao mesmo tempo em que precisa de pessoas que possam ajudá-la a envelhecer bem. “Viver muito, ou mais, não é o mais importante, o que interessa é viver bem!” (Loureiro, 2000, p. 38).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012):

Em 2011, a esperança de vida ao nascer no Brasil era de 74,08 anos (74 anos e 29 dias), um incremento de 0,31 anos (3 meses e 22 dias) em relação a 2010 (73,76 anos) e de 3,65 anos (3 anos, 7 meses e 24 dias) sobre o indicador de 2000. Assim, ao longo de 11 anos, a esperança de vida ao nascer no Brasil, incrementou-se anualmente, em média, em 3 meses e 29 dias.

A velhice, conforme normatiza a Organização Mundial de Saúde (OMS), em termos cronológicos inicia aos 65 anos para países desenvolvidos e 60 anos para os países em desenvolvimento (Netto, como citado em Freitas, Py, Cançado, Doll & Gorzoni, 2006, p. 9; Zimmerman, 2005, p. 14). O envelhecimento é parte intrínseca de nossa humanidade, é um processo, *continuum*, que, segundo Netto (como citado em

² Interdisciplinary and interinstitutional project, approved by SIGEP/CEP/UCB and CNPq, integrated to the interinstitutional project CNPq: “Institutions of longer duration for the aged in Brazil – ILPIs: typology and model of caring” (2007-2009). UFSC/SC, UECE/CE, IPEA/RJ, UCB/DF. FEPECS/DF.

Freitas *et al.*, 2006, p. 9), “é a vida, começando esta com a concepção e terminando com a morte”.

Morte que, aliás, de maneira alguma está mais perto somente na idade avançada, como ressalta Loureiro (como citado em Faleiros & Loureiro (Orgs.), 2006, p. 36): “não é por ser velho que as pessoas morrem e, sim, morrem por estarem vivas independentemente da idade. Como diz o dito popular: para morrer basta estar vivo”.

Estar velho é antes de tudo um privilégio. Privilégio daqueles que superaram todos os obstáculos que surgiram nesse *continuum* desenvolvimento que se iniciou com a junção do espermatozoide com o óvulo, mas a “consciência ou a aceitação do ingresso na etapa de vida considerada como velhice não é algo natural e espontâneo, a pessoa custa a se aceitar como idosa” (Loureiro, 2000, p. 21).

Sabemos que as idades avançadas levam o ser idoso a ver-se diante de uma nova realidade. Ele tem que aprender a lidar com as possíveis doenças crônicas, com a perda de familiares e amigos, e com a discriminação, quando as “intimações sociais parecem interromper a permuta do trajeto antropológico com as pulsões subjetivas, em alguns [...] idosos” (Loureiro, 2000, p. 23); além disso, lidar com o tempo ocioso, com a formação de uma nova rede social e, muitas vezes, de forma inversa, com o abandono, com a “tríplice perda: a do trabalho, a da saúde e a da rede” (Faleiros & Rebouças, como citados em Faleiros & Loureiro (Orgs.), 2006, p. 114). Devido, porém, a sua longa vida pode contar com sua experiência. Como bem coloca Zimmerman (2005, p. 20):

No momento em que utiliza mais sua experiência, a vivência adquirida ao longo de sua vida, aprende a conviver com as suas doenças crônicas e próprias da sua idade; elabora suas perdas, não esquecendo seus ganhos; dribla os preconceitos e aprende a utilizar seu tempo. Ele continuará curtindo a vida, gozando as coisas boas e sendo feliz. Fazer planos para o amanhã é viver.

Alves (como citado em Faleiros & Loureiro (Orgs.), 2006, pp. 50-3) coloca que “a vida humana pode ser vivida até o fim com dignidade, a partir do momento em que se participa, se engaja no mundo [...] Viver muito e bem é um direito de todo o ser humano. [...] Nascermos envelhecendo [...]. A vida longa é um prêmio”.

Não sendo possível, por parte do velho, exercer sua autonomia, tem este o direito a um atendimento digno e adequado. Sua voz merece ser escutada. Suas histórias, repletas das experiências de uma longa vida, podem ser compartilhadas. Tem o direito, se a atividade externa não é mais possível, à introspecção, à assistência religiosa, pois

pesquisas indicam que adultos e idosos valorizam profundamente suas crenças e seus valores religiosos. As pessoas idosas falam sobre sua fé e a importância dela na superação dos momentos difíceis (Alves, citado em Faleiros & Loureiro (Orgs.), 2006, p. 49).

Que o conhecimento do *continuum* envelhecer aliado ao mais profundo senso de humanidade nos permita “construir um caminho pessoal que os conduza a um final tranquilo, ameno e digno, que corresponda às suas necessidades, à sua história pessoal e à sua vontade pessoal: um *Morrer Bem*” (Jaramillo, citado em Jaramillo, 2006, p. 18).

Metodologia

Foi realizada, entre os anos de 2007 e 2009, a pesquisa: Imaginário, idosos asilados tabagistas e organização de asilos: organizacionalidade antropolítica – IATO³ – em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos – ILPI, mais conhecida como Asilo de Velhos, Lar dos velhinhos, no Distrito Federal, com a finalidade de auscultar o imaginário de um grupo de idosos internos, de seus dirigentes⁴ e funcionários/cuidadores⁵.

Dos muitos dados levantados, pudemos destacar as recorrentes reclamações com relação à ociosidade e à falta de um relacionamento mais próximo.

Verificou-se também, por meio dos resultados obtidos com o Arquétipo Teste dos 9 elementos (AT-9), criado por Yves Durand (1988), tendo como base a teoria do

³ Projeto interdisciplinar e interinstitucional, aprovado pelo SIGEP/CEP/UCB e pelo CNPq, integrado ao projeto interinstitucional CNPq: “Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil – ILPIs: tipologia e modelo de atendimento” (2007-2009). UFSC/SC, UECE/CE, IPEA/RJ, UCB/DF, FEPECS/DF.

⁴ Grisson, Elman Moreira Coelho. (2009). *O imaginário de um grupo de cuidadores de Idosos de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) do Distrito Federal*. Brasília (DF): Dissertação de Mestrado em Gerontologia – Universidade Católica de Brasília. (131 f.).

⁵ Lima, Guimar Dutra. (2009). *Ideias de vida e de morte e o imaginário de auxiliares de enfermagem de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos – ILPI – do DF*. Brasília (DF): Dissertação de mestrado em Gerontologia – Universidade Católica de Brasília. (115 f.).

Imaginário, de Gilbert Durand (2002), que cerca de 56.52% dos sujeitos apresentavam um imaginário com problemas de estruturação.

Como um projeto integrado à pesquisa IATO, após este primeiro levantamento de dados, realizou-se uma intervenção, quando se procurou melhorar aqueles aspectos já elencados. Para tanto, no último semestre de 2009, os idosos participaram de uma oficina de música, um coral, quando, com eles, escolheu-se o repertório: canções, poesias cantadas, que mais lhes eram significativas.

Para averiguar as possíveis mudanças, realizamos a escuta sensível e, novamente, após a realização da oficina, o AT-9.

Justificativa

Justifica-se intervir com a intenção de intensificar os vínculos afetivos, pois foi observado que “a ruptura no contato com os familiares os deixaram [aos idosos] soltos no tempo e no espaço, sem as âncoras da emoção e do coração, a firmá-los e mesmo localizá-los na existência” (Loureiro (Coord.), 2009, p. 27), de retirá-los da ociosidade, reclamação constante dos idosos, como pudemos observar nos relatos colhidos por Perin (2008, citado em Loureiro (Coord.), 2009, p. 26), em que é Dona Tatá quem fala:

“Aqui não faço nada, só lavo minha roupa e mais nada. Lá fora fazia tudo e ainda cuidava de criança, não fazer nada é muito triste o tempo não passa. [E do Seu Léo que diz:] Sinto somente falta do meu trabalho [...]. eu era barbeiro conheço muita gente. Trabalhei no Guará, na rodoviária; em Taguatinga, trabalhei em muitos salões.”

Também, completando o exposto acima, buscamos recuperar o imaginário de alguns idosos, imaginário este que deixou ver uma desestrutura, pois como ressalta Loureiro (2009, p. 33): “a presença da desestrutura no imaginário [...] preocupa e precisa ser considerada em uma possível remitização e resgate da coerência mítica do grupo”.

Importante é entender que o espaço asilar não é um local de espera da morte, mas o início de um novo tempo, onde aqueles que, talvez, com os seus sessenta anos e

mais, sem outro espaço a habitar, começam a desfrutar da sua aposentadoria. Como relata um dos idosos, o qual pensava, quando era jovem, que iria morrer aos sessenta anos e, conseqüentemente, por volta dessa época internou-se, voluntariamente, no asilo. Hoje, aos oitenta e dois anos, depois de mais de vinte anos na instituição, acha graça quando relembra do fato.

Aprender a conviver; viver com pessoas que simplesmente dividem o mesmo espaço, pois não tem para onde ir, é um grande desafio.

Desafio este que agora, já na idade avançada, não era esperado, pois sempre imaginamos uma velhice onde estamos colhendo o que a vida tem de melhor, rodeados, sempre, das pessoas que amamos. Dona Pomba Rola, sujeito da nossa pesquisa que, embora tenha 70 anos de idade, diz:

“Eu queria ser uma velhinha, para contar histórias para os netinhos. Quando eu ficasse velhinha que eu tivesse os netos tudo pertinho de mim para eu contar histórias. Historinhas, muitas histórias.”

A ruptura no contato com os familiares, insistimos, deixou-os soltos no tempo e no espaço sem as âncoras da emoção e do coração a firmá-los e mesmo localizá-los na existência [...], o imaginário de um grupo de idosos asilados que se encontra longe da sua família, afastados dos seus amores, tendo cortados os vínculos que os ligavam para fora da situação asilar e que têm a sua liberdade minimizada pelas regras do asilo (Loureiro (Coord.), 2009, p. 6).

A velhice nos aproxima do, sempre presente, final, do medo de morrer, ainda mais quando vivemos em uma comunidade em que, como disse, a morte se impõe como realidade frequente:

Por outro lado, podemos ser desencorajados ao contemplar o futuro, porque, em certos momentos, no ápice da idade, por exemplo, percebemos que já não podemos deixar para amanhã a guarda de nossas esperanças. A amargura da vida é o desgosto de não poder esperar, de já não ouvir os ritmos que nos exortam a tocar nossa parte na sinfonia do devir. É então que a ‘lamentação risonha’ nos aconselha a convidar a Morte e a aceitar, como uma canção que acalenta, os ritmos monótonos da Matéria (Bachelard, 2007: 98).

“O homem sabe-se mortal, mas se considera imortal. Quem morre é outro, não eu! Postura despropositada, pois, nesta era de incertezas profundas, nossa única certeza é a da morte” (Loureiro, 2008, p. 855). Quando o velho vive com seus familiares e tem uma vida social ativa é razoável supor que seu sentimento com relação à presença da morte seja diferente do idoso asilado.

Diante dessa dura realidade, o imaginário daqueles videntes pode começar a se desestruturar. “O velho asilado, abandonado, como qualquer homem com sua identidade destruída, autoestima em baixa, pode desejar a própria morte” (Loureiro, 2008, p. 858).

Colhemos, no relatório da pesquisa IATO, a fala, ali transcrita, de um dos asilados daquela ILPI: “*Em cativo ninguém é feliz e tranquilo; a gente só é feliz em liberdade; eu me sinto no cativo, isso aqui é uma cadeia sindicalizada*” .

Seu Cadu fala do asilo como uma prisão: “*Toda a vez que quero sair tenho que pedir permissão [...]*”. Ele diz: “*Se eu soubesse que aqui era asilo nem aqui eu pisava, eu não sabia o que era. [...] Eu não conhecia essa coisa Lar dos Velhinhos, só tinha ouvido falar[...]*”. Cadu refere-se ao asilo como: *lar dos doidinhos*” (Loureiro, citado em Loureiro (Coord.), 2009, pp. 67-8.)

Reforçando o argumento do Seu Cadu, Dona Tatá, outro sujeito da pesquisa IATO, diz: “*Não gosto daqui, não entrei porque eu quis, tô doida para sair daqui*” (Loureiro, citado em Loureiro (Coord.), 2009, p. 69). Da nossa intervenção coloco aqui também o relato do Sr. João de Barro: “*Moradia, para morar com pessoas. Quando chove, não se molhar. Não considero o asilo como casa, só moradia*”.

Por meio de uma intervenção gerontológica, utilizando como instrumento a criação da oficina de música “Poesia Cantada” por se tratar de músicas populares do conhecimento dos participantes, procuramos desenvolver uma ocupação com os idosos, um espaço e tempo, em que eles pudessem estreitar o relacionamento e, também, por meio da força arquetipal da música, de uma forma lúdica, ver aflorar sentimentos e lembranças marcantes, interferentes nos microuniversos míticos de cada idoso participante da oficina, emergido no protocolo do teste e em suas falas.

O canto é a forma primordial dos mitos. Daí, haver na proposta de intervenção algo muito mais profundo do que apenas a proposição de uma oficina. E, portanto, desdobramentos importantes quando se fizer a leitura dos resultados do AT-9 (Ferreira Santos, 2009, p. 3).

Procuramos então, além do cantar, criar um espaço de escuta sensível, entendendo-a, como Loureiro (2004b, p. 11), como a estratégia que “traz de volta os encantos, recupera a felicidade, assim como a realidade da fragilidade física se mostra e arrefece as vontades, mas a alegria morna de poder falar” [falar cantado], “ou melhor, de se fazer escutar, de ser escutado” naquilo que a poesia cantada faz aflorar, naqueles momentos do encontro musical, como a realidade de um passado que ainda volta e faz presença emocionada nos contos; contos truncados pelo não hábito de falar, da fala já, por vezes, sem o nexos para nossos ouvidos estranhos, de outro mundo, outro espaço; contos plenos da riqueza de pontos exaltados e nódoas esquecidas no esforço do esquecimento consciente, manchas que teimam em macular a pureza, o brilho da história, da sua história pessoal a ser respeitada, escutada e registrada (Loureiro, 2004a, p. 11).

Por meio das inevitáveis trocas, o Asilo poderá transformar-se em um local diferente, poderá acontecer a bachelardiana “topofilia” (2008), um lugar feliz.

Como o imaginário dá suporte a todos os nossos diversos fazeres e está presente, conseqüentemente, nas relações entre aqueles que compõem o meio ambiente asilar, o universo mítico do asilo tende a mudar, quando alguns idosos abandonam a letargia e começam a levar para os espaços, antes ociosos, uma nova “vibração”. Às vezes, pelo simples fato daquela determinada sala ser chamada de a *sala do coral*, acontece uma ressignificação do espaço:

O importante é deixá-los falar, proferir a última palavra, permitir-lhes vida até o final; nada lhes esconder e ver neles, mesmo ao morrer, a dignidade de ser humano. [...] E a vida continua até a 'próxima vítima' ser escolhida pela 'gulosa insaciável'. [...] Como cantava Gonzaguinha e ainda hoje se ouve, 'ninguém quer a morte, só saúde e sorte' (Loureiro, 2008, p. 861).

O imaginário e o arquétipo Teste de Nove Elementos (AT-9)

As imagens não valem pelas raízes libidinosas que escondem, mas pelas flores poéticas e míticas que revelam. (Durand, 2002, p. 39)

O Imaginário não é, como expõe Durand (2002, p. 41), nada mais do que esse trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito e no qual [...] as representações subjetivas se explicam ‘pelas acomodações anteriores do sujeito’ ao meio objetivo.

A realidade do mundo objetivo, em um fluxo de troca constante com nossos mais profundos desejos, faz aflorar a realidade imaginada, na qual tudo se entrelaça, onde tudo é significado. Estamos rodeados de símbolos.

Gilbert Durand (2002, p. 30), fazendo suas as palavras de Bachelard (2008), coloca o imaginário, diferentemente das ciências psicológicas e culturais, como “dinamismo organizador, e esse dinamismo organizador é fator de homogeneidade na representação” que “torna-se o fundamento de toda a vida psíquica”.

O autor (2002, p. 40) acrescenta à palavra trajeto o termo antropológico, por entender que esta via é a mais adequada para estudarmos o simbolismo do imaginário, pois a antropologia é o “conjunto das ciências que estudam o *homo sapiens*”. Sendo assim, Gilbert Durand (2002, p. 41) apresenta e define o termo “trajeto antropológico” como a “incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”. Em outras palavras, o “trajeto antropológico” resulta da simbiose do meio cultural externo com o psicológico, o interior ativo.

Yves Durand (1988) criou o Arquétipo Teste dos Nove Elementos (teste AT-9) que nos possibilita vislumbrar o imaginário, este, apresentado pelo seu homônimo, Gilbert Durand (2002). Quando utilizamos o teste, podemos, por meio dos diversos protocolos, ver emergir o imaginário daquele determinado grupo:

O AT-9 não só valida a teoria durandiana, como proporciona o desvendar do imaginário do sujeito e/ou dos grupos. Ele atinge o trajeto antropológico deixando ver nos protocolos do teste os microuniversos míticos ou o universo mítico do grupo (Loureiro & Silva, como citados em Faleiros, Loureiro & Penso (Orgs.), 2010, p. 69).

Com o AT-9, Yves Durand (1988), pretendendo fazer emergir por meio do desenho e do relato escrito, as estruturas que caracterizam estes universos e

microuniversos míticos, “selecionou os nove elementos por seus significados simbólicos profundos, para servirem de motivação ao traçado pictórico e narrativo, representativos da trama criada pelo sujeito” (Loureiro & Silva, como citados em Faleiros, Loureiro & Penso (Orgs., 2010, p. 70).

Como psicólogo, Yves Durand, aproveitou, na elaboração deste teste, seus conhecimentos das técnicas utilizadas em testes projetivos. Em nosso estudo, não o usamos com tal finalidade: nossa leitura do imaginário emergente é antropológica. “A riqueza e o regime da imaginação podem muito bem não coincidir com o aspecto geral do comportamento ou do papel psicossocial” (Durand, 2002, p. 381). Salientamos ainda que a desestrutura deste imaginário emergido não é indicativa de uma desordem psicológica presente:

Toda obra humana é fruto da fantasia criativa. Se assim é, como fazer pouco caso do poder da imaginação? Além disso, normalmente, a fantasia não erra, porque sua ligação com a base instintual humana e animal é por demais profunda e íntima. É surpreendente como ela sempre chega a propósito. O poder da imaginação, com a sua atividade criativa, liberta o homem da prisão de sua pequenez, do ser “só isso”, e o eleva ao estado lúdico. O homem, como diz Schiller, só é totalmente homem, quando brinca (Jung, 2007, p. 43).

Reagiremos ao mundo heroicamente, desembainhando a espada e enfrentando cara a cara o inimigo, ou nos esconderemos no canto mais escuro da nossa casa.

Vamos encarar a morte como um fim, como uma passagem, como o terrível monstro devorador, como um renascer cíclico ou simplesmente como algo que não nos afeta?

Certamente, encontraremos uma maneira de estar no mundo, de nos imaginar personagem desta incrível história que nos proporciona a vida:

Propomos [...] considerar a imaginação como uma potência maior da natureza humana. [...] Com sua atividade viva, a imaginação desprende-nos a mesmo tempo do passado e da realidade. Abre-se para o futuro. [...] Como prever sem imaginar? (Bachelard, 2008, p. 18).

Quem sabe a resposta para essas perguntas esteja nos devaneios, nas longas viagens para dentro das profundezas de nós mesmos.

Bachelard (2008) vê, nessa imobilidade externa, o significado do possível encontro com a imensidão, pois

poderíamos dizer que a imensidão é uma categoria filosófica do devaneio. Sem dúvida, o devaneio alimenta-se de espetáculos variados; mas por uma espécie de inclinação inerente, ele contempla a grandeza. E a contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular que o devaneio coloca o sonhador fora do mundo próximo, diante de um mundo que traz o signo do infinito (Bachelard, 2008, p. 189).

Este devaneio, que nos coloca em contato com a imensidão, pode ocorrer quando o indivíduo experimenta a obra de arte, trazendo para o espaço atual, do agora, outros lugares.

Apossamo-nos do espaço cotidiano, colorindo suas paredes com as paisagens de outrora. Transformamos aquele canto, no cantinho aconchegante onde, quando crianças e nele agachados nos sentíamos seguros. Abrimos novamente a gaveta, para nela guardarmos as nossas coisas, os nossos segredos.

Tudo acontece no instante presente, o palpável presente. Mas na mesma velocidade em que ele se manifesta, nos escapa. Para que o tempo possa ser percebido, os instantes se ligam, da mesma forma como as notas musicais em uma sinfonia. Esta linha que une um instante a outro é o invisível hábito “- esse legado de um passado defunto – a força que confere ao ser uma figura estável sob o devir novamente” (Bachelard, 2007, p. 61).

O velho vive os materiais instantes, criando sua invisível história, e é nessa ambivalência, no encontro entre o instantâneo e o contínuo, entre o agora e o histórico, que ele transcende a si mesmo, sempre na possibilidade de se reinventar:

Por isso, o momento passado está morto como *tempo*, não, porém como espaço; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está

sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social (Santos, 2007, p. 14).

O espaço modificado por aqueles que lá passaram vai legando àqueles que, por ali hoje transitam, as impressões de um passado ainda presente. A atividade musical pode transformar o espaço onde ela acontece. Aquele lugar vai, pouco a pouco, no ritmo próprio da música, dos ensaios, sendo carregado de novos significados, habitado por outros lugares:

ritmo [...] nos preenche de configurações imagéticas. [...] Esta sintaxe imagética re-organiza o espaço e [...] saímos do tempo e do espaço cotidianos. Somos submetidos pelo ritmo e pela imagem: experiência vertiginosa (Ferreira Santos, como citado em Porto, Teixeira, Ferreira Santos & Bandeira, 2000, p. 56).

As músicas marcam o tempo e, com ele, os tempos vividos marcam a nossa história. São como os marcos de quilometragem da estrada, como os vários pontos de referência que indicam o caminho percorrido, pois “nunca houve nem haverá um povo sem música” (Souza, como citado em Freitas *et al.*, 2006, p. 1217).

O poeta, através da intuição artística, descreve os sentimentos mais recônditos da alma individual e coletiva. Descreve em poucos versos os desejos mais íntimos e, com a vestimenta musical, insere-se na sociedade, no indivíduo, que nela se projeta, se encontra e se perde. Nestas canções podemos ser heroicos (Durand, 2002, p. 179; Durand, Y., 1988, p. 74) e lutar; podemos ser místicos (Durand, 2002, p. 269; Durand, 1988, p. 77); nos recolher aos braços mornos do nosso lar e/ou da(o) amada(o); podemos convidar a vida para dançar com a morte (disseminatórios) (Durand, 2002, p. 345; Durand, 1988, p. 102), podemos transformar a morte em semente da imortalidade, podemos, enfim, nos transcender. (Durand, 2002, p. 367-423).

Como destaca Levitin (2010, p. 273), “a força da arte consiste nessa capacidade de nos conectar às pessoas e a verdades maiores no que diz respeito à vida e ao seu significado”.

O idoso carrega em sua memória musical um grande repertório, uma grande poesia que muitas vezes precisa, apenas, ser revivida, resgatada como amor, que é a

própria vida. “O importante na vida é o amor. Com todos os perigos que contém” (Morin, 2008, p. 67).

A partir das recordações musicais [...] épocas inteiras ressurgem, trazendo à tona a emoção do vivido e também do revivido, que aí podem ser elaborados e reconstruídos no foco do presente (Souza, como citado em Freitas *et al.*, 2006, pp. 1218-1220).

A música guarda em si não só a emoção da poesia a qual estava vestindo; guarda também a emoção da história, do momento vivido pelo ser que dela se apoderou. Essas (re)vivências (re)constróem a história do indivíduo, que tem a oportunidade de (re)contá-la para si mesmo e para os outros. Tem ainda a oportunidade de, como já foi dito acima, mergulhar para dentro de si, em um devaneio que possibilite o encontro com o transcendente, no ponto mais profundo de si mesmo, no vórtice:

Tanto a harmonia conflitual da música como a estrutura narrativa da literatura estão sempre lastreadas no que Husserl denominava *lebenswelt*: o mundo vivido, a consciência vivencial da experiência, a existência (*ek-sistência*). É com base neste arcabouço vivido que as construções músico-literárias produzem ressonâncias específicas, as quais nos remetem às experiências vertiginosas e voráticas que, por sua vez, preparam o contato com o vórtice (Ferreira Santos, como citado em Porto *et al.*, 2000, p. 67).

O cantar em um coral, grupo, oferece ao idoso asilado a oportunidade de experimentar a si mesmo, como instrumento musical, como veículo da expressão daquilo que considera belo. Oferece também a oportunidade do verdadeiro encontro com o outro, participando do conjunto, contando as suas histórias e deixando à mostra seu imaginário. Encontro esse que pode levar os indivíduos a começarem a cuidar uns dos outros, pois “a ação de cuidar é um ato de amor, uma dádiva, uma oferenda, uma atividade essencialmente humana que acontece na relação humana” (Py, 2006, p. 2).

Discussão

A esperança [...] é a pulsão para o mudar, para o criar, o que leva o homem a se rebelar contra o horizonte histórico imposto, deixando que a erupção do seu interior ativo, mas oculto pelo convencional, surja numa inovação, no inédito da criação (Loureiro, 2000, p. 50).

O som musical, desde a sua produção até o seu efeito em nós, é um fenômeno complexo. Seria confortável dizer que quando tocamos a sinfonia número 40 de Mozart, todos os homens sentem as mesmas coisas. A complexidade do viver não nos dá essa segurança. Talvez porque viver seja andar em direção ao desconhecido e não a um céu ou a um nirvana em que tudo já está acabado.

Ao iniciarmos a oficina de música, coral, sabíamos que iríamos encontrar dificuldades, apesar da boa-vontade de todos: direção e funcionários. A adesão ao grupo de canto foi espontânea, por parte daqueles que podiam escolher.

Para que nossos encontros pudessem acontecer, logo ficou patente que muitas coisas precisavam funcionar em sincronismo.

Necessitávamos de um dia sem chuva e de enfermeiros que pudessem parar suas atividades para, primeiro, locomover os idosos cadeirantes e, em um segundo momento, acompanhar a atividade, muitas vezes participando ativamente da “cantoria”. O espaço de tempo disponível era curto; ficava entre o lanche da tarde, às 15h, e a sopa, servida pontualmente às 17h.

Com relação à sopa, a proximidade do horário em que ela era servida causava certa aflição, pois não podiam perdê-la. Quando começamos a viver o asilo, nem que por poucas horas, logo entendemos a importância dos horários e da rotina para todos os que lá habitam.

Devido ao exposto acima, os participantes variavam bastante em número e na diversidade. O número de participantes estava diretamente vinculado à infraestrutura de apoio, local disponível e enfermeiros(as) disponíveis. Quanto ao local de ensaio, resolvemos o problema usando como instrumento de apoio o violão. Como este instrumento é de fácil transporte, podíamos encontrar lugares diferentes para ensaiar. Já com relação aos enfermeiros(as), não raro ocorriam faltas na equipe, ficando o setor sobrecarregado de serviço, atrasando o começo das atividades. Algumas vezes ajudamos

no deslocamento dos idosos; afinal, não poderiam perder a sopa. Com relação à diversidade de participantes, foi diminuindo na medida em que a curiosidade era saciada.

Ficamos, então, trabalhando com um pequeno grupo de pessoas, num total de sete participantes. Duas senhoras e dois senhores com condições de expressarem suas opiniões com clareza, ajudando a formar o repertório. Uma senhora portadora da doença de Alzheimer, que falava muito pouco, mas cantava trechos das músicas. Outra cantora participava muito alegremente, acompanhando os outros, sempre um pouco atrasada em relação aos demais e ajudada pela senhora Pomba Rola. Em um canto ficava, em sua cadeira de rodas, outra participante quase centenária, que não falava, não cantava e praticamente não se movia, mas mexia o pé, para cima e para baixo, acompanhando o ritmo da música. Este coro escolheu cantar músicas que lhes eram importantes.

Como o Natal estava se aproximando, escolhemos para o nosso repertório “Noite feliz”, de J.Mohr e M.Francisco Xavier Gruber (1818); e “Bate o Sino” (Jingle Bells), de James Pierpont (1857). Mais duas músicas foram incorporadas: “Luar do Sertão”, de Catulo da Paixão Cearense; e, de Lupicínio Rodrigues, “Felicidade”.

Com relação ao repertório, sucedeu um fato curioso: sugerimos, o que foi aceito por todos para facilitar nosso canto, que fossem tiradas cópias das músicas, a fim de que pudéssemos, todos, acompanhá-las, por meio da leitura das letras. Isso facilitaria muito a memorização. Saímos pela instituição procurando uma maneira de conseguirmos as letras. Tudo foi organizado. Arrumamos o repertório e, depois de distribuído, nos surpreendemos com o fato de que ninguém o lia. Ficou claro que não queriam assumir o pouco letramento. Aos poucos fomos abandonando os papéis e nos concentrando no pequeno repertório, usando como técnica de memorização a repetição, com a ajuda de que as músicas já eram de conhecimento de todos. Nenhum deles, ao responder às perguntas do teste, escreveu as respostas respectivas, no que tivemos que socorrê-los, e também foi necessário ler as instruções várias vezes.

Para não ficar cansativo, íamos parando e perguntando, para aqueles que podiam e queriam responder à pergunta se aquela música lembrava-lhes alguma coisa ou se fazia se lembrarem de algum “causo”. Este momento foi muito rico: evocaram-se castigos de infância, momentos de alegria, até as serenatas dos velhos amores, hoje falecidos. Vagaram, no devaneio, por lugares por onde andaram, reviveram aventuras e

até pequenas malcriações: Dona Canário relata que: “*Meu pai era evangélico e não deixava eu cantar em casa, somente na igreja. Mas quando eu ficava sozinha em casa eu cantava*”. Isso que pode revelar que, naquela época, o imaginário heroico poderia estar presente.

O momento do cantar se transformou num viajar para outros tempos e outras emoções. O tempo ali passado foi um tempo revivido. Aquele pequeno espaço do asilo era transformado, pela viagem instantânea a outras paragens, em uma topofilia bachelardiana (2008). Um bom tempo passado juntos. Como alguns diziam, quando perguntávamos sobre a atividade: *Cantar é bom*. Aquele espaço era, dessa forma, ressignificado.

Lançando-nos à leitura dos protocolos do teste AT-9, após a realização da oficina, um fato nos chama a atenção: em dois dos quatro relatos o personagem era um artista. Nas palavras do Seu Sabiá Laranjeira: “*Cantor é o nosso Rei: Roberto Carlos; e ator de novela é o Toni Ramos*”. Dona Canário coloca que o personagem é o cantor *Sérgio Reis*, um *artista* cuja função é *cantar*. A atividade artística externa aflora junto com as paisagens imaginadas; ocorre a interessante mescla, ou melhor, a simbiose do que é experimentado externamente com o que foi vivido, isto é, com todo o material que podemos definir como interno.

Apesar da idade avançada, da rotina da vida no asilo, o imaginário mostra uma capacidade de reestruturação; a música, a poesia cantada, indicam lembranças e as reabrem, organizam o tempo. Se a desestrutura do imaginário ronda os viventes daquele espaço, pois assim os protocolos analisados sinalizam, uma oficina de música, principalmente daquelas canções que estão ligadas aos momentos mais importantes já vividos, pode reorganizar esse imaginário. O que esta constatação afirmativa diz na consecução da qualidade de vida melhor de idosos asilados?

Como imaginário, subjaz a toda e qualquer ação; as ações e posturas desses idosos passarão a ser mais coerentes, deixando eles de ser aquelas criaturas apáticas e desgostosas com tudo, pois mesmo depois de encerrada a nossa cantoria, foi comum encontrar alguns deles sorrindo sozinhos cantarolando mesmo que, na desafinação perdoada, as canções que ensaiamos na oficina:

O que a maioria de nós busca na música é uma experiência emocional.

Não estamos analisando o desempenho para identificar notas erradas

e, desde que não atrapalhem nosso devaneio, nem as notamos. [...] todos nós somos especialistas na audição musical, capazes de estabelecer diferenciações muito sutis entre o que gostamos e o que não gostamos, ainda que não possamos articular os motivos (Levitin, 2010, pp. 235-48).

Embora não apareça no protocolo do teste AT-9, realizado com a Dona Pomba Rola, em relato espontâneo, (2009), ela nos contou que:

“Cantar é bom, porque meu marido cantava para mim. Ele fazia seresta. Cantava coisas bonitas para mim. Quando cantava ali eu sentia bem, lembrava quando eu namorava, ele fazia seresta na janela prá mim, era muito seresteiro, gostava de mandar flor. Eu casei com um homem italiano, ele era muito elegante, muito charmoso, amor à primeira vista, meu primeiro namorado e o último. Fui muito feliz no meu casamento, ele sonhava com o que eu queria, comprava as roupas que eu gostava, eu gostava de usar sapato Luiz Quinze prá sair, eu era muito elegante, não tinha cortado o cabelo ainda, usava rabo de cavalo, fazia cacho..., ele adorava. Meu marido foi um marido muito bom. Até hoje eu não arrumei um marido igual a ele. Ele era muito carinhoso, muito caseiro. Quando eu me casei não tinha nem televisão naquele tempo, era rádio. A rádio Tupi, programa Ari Barroso, me lembro das músicas todas, marchinha daquele tempo, marchinha de carnaval...”

A participação na oficina trouxe os momentos de felicidade vividos com o marido, das serestas sob a janela da mulher amada. Momentos compartilhados com todos os participantes da oficina. Nossos momentos.

No desenho da Dona Pomba Rola (Figura 1, abaixo), como foi relatado acima, foram grafados apenas a própria mão e um vaso de flores. Um imaginário sem estrutura? Achamos que não. Vejamos o emergido no teste AT-9:



Figura 1

Após terminar a leitura das instruções, dona Pomba Rola apanhou o lápis, colocou sua mão sobre a folha e começou a contorná-la. Após alguns instantes, ficou gravado o contorno da pequena mão sobre o papel. Com capricho, desenhou as unhas. Logo após, grafou o vaso com as plantas. Seria, à primeira vista, a expressão completa de uma desestrutura do imaginário? Um sério problema cognitivo? Ou simplesmente uma recusa de se expressar?

Parece-nos que há uma grande necessidade de comunicar seus pensamentos e sentimentos, não mais da maneira exigida pelo pesquisador, por meio das instruções do teste. Mas, sim, pela sua própria maneira. A compreensão da mensagem fica por conta daquele que está verdadeiramente interessado em mergulhar em seu mundo.

Quando desenha a mão, está querendo expressar movimento, o ato criativo: *e as mãos é que se movimentaram para dar flores:*

A mão exprime as ideias de atividade, ao mesmo tempo que as de poder e de dominação. [...] A mão é, enfim, um símbolo da ação diferenciadora. *Sua significação se aproxima da flecha e lembra que o nome de Quirão, o Sagitário, cujo ideograma é uma flecha, vem da palavra mão.* A mão é como a síntese, exclusivamente humana, do masculino e do feminino; ela é passiva naquilo que convém; ativa no que segura. Serve de arma e de utensílio; ela se prolonga através de seus instrumentos. Mas ela diferencia o homem de todos os animais e serve também para diferenciar os objetos que toca e modela. Mesmo quando indica uma tomada de posse ou uma afirmação de poder – a mão da justiça, a mão posta sobre um objeto ou um território, a mão dada em casamento -, ela distingue aquele que ela representa, seja no exercício de suas funções, seja em uma situação nova (Chevalier & Gheerbrant, 2008, pp. 589-92).

Na fala da dona Pomba Rola, foi a *“mão que plantou as flores [...] E as mãos são que movimentaram para dar flores”*; é a mão que cuida, rega, propicia a vida. Ela concorda com o relato de que gostaria de ser enfermeira. Em suas palavras: *“Se um dia eu quisesse ser um personagem, eu queria ser uma enfermeira. Se eu pudesse, ainda com essa idade que tô, se tivesse dinheiro para pagar meu estudo, eu ia me formar em enfermagem. Cuidar de idosos. Enfermeira de Idosos. Mas enfermeira formada, fazer o curso, com tudo direitinho. A não ser Isto, uma enfermeira parteira, Dona Pomba Rola quer ser útil diante da vida.*

O cenário que emerge dos relatos e do desenho apresenta-nos o medo da morte que está representado pelo Monstro (Devorador): *“Devorador é um bicho muito grande que a gente fica com medo dele. Pode machucar a gente, arranhar a gente, Devorador.”* A atitude do personagem é de fuga, esconder atrás do tronco, da árvore. A destruição do monstro fica por conta, de maneira indireta, do fogo da queimada: *“matar bicho bravo”*.

Dona Pomba Rola se projeta em um personagem; imagina que o personagem, por meio da ação, representada pela imagem da mão, quer garantir a continuidade da vida, principalmente do ciclo da vida: *“a mão que plantou as flores [...] As florezinhas têm semente na ponta. A semente que solta as flores [...] as flores . E aqui as flores.*

Aqui tem as sementinhas quando ela secar, replanta de novo. O ciclo continua. Eu queria ser uma enfermeira. Se eu pudesse, ainda com essa idade que tô, se tivesse dinheiro para pagar meu estudo eu ia me formar em enfermagem [...]. Mas enfermeira formada, fazer o curso, com tudo direitinho". Percebe-se aqui um imaginário de luta, heroico, que quer tudo direitinho, mas que misticamente deixa ver os empecilhos para a luta; e ela continua dizendo que gostaria de *Cuidar de idosos, Enfermeira de Idosos*, o que leva à emergência de um imaginário sintético disseminatório. Ela continua ainda dizendo: *"A não ser Isto, uma enfermeira parteira"*, o que, mais uma vez, imagina-se positivamente, trazendo vida.

Com relação ao elemento água, no quadro do teste, ela lhe atribui função múltipla de *"Refrigerar, Mover moinho. Move-se para o mar. Água é para refrigerar o corpo, refrigerar as plantas. Prá matar a sede. É prá mover o moinho. Mover pro mar prá ficar o peixinho. O rio que leva água para cachoeira, da cachoeira vai prá praia, desemboca numa praia, lá na Bahia a gente tem tudo isso"*. O movimento aqui se deixa notar assim, como na utilidade para refrigerar e mover moinho (cíclico).

Dona Pomba Rola somente coloca suas definições com relação aos elementos do teste quando solicitamos a ela que falasse a respeito dos mesmos. Em seu desenho e na sua explicação, não estão ordenadamente, ou de forma condizente com o pedido no mesmo, os elementos do teste. Embora já com idade avançada, coloca: *"Eu queria ser uma velhinha, para contar histórias para os netinhos. Quando eu ficasse velhinha que eu tivesse os netos tudo pertinho de mim para eu contar histórias. Historinhas, muitas histórias"*. Este mundo sonhado está longe de ser a realidade diária do asilo. Dona Pomba Rola não se imagina velha. Para ela, ela ainda está a caminho de ser velha, embora já com 70 anos, imagina como gostaria de sê-lo. A permanência no asilo parece ter estancado o tempo desde o momento em que ali se alojou ou foi alojada. A noção do tempo que passa fica prejudicada na segregação.

Fato constante é a tentativa de equilibrar a vida com a morte e que esta é necessária para que surja a semente – para o recomeço. O monstro, o *bicho bravo*, aparece, neste imaginário, heroicamente destruído na queimada (de forma positiva), que é utilizada para limpar o terreno (esquizomorfia) para um novo ciclo de plantio (disseminação). *"O fogo para cozinhar, sem ele ninguém cozinha* (antifrasia, dominante digestiva); *queimada* (dominante postural – heroísmo, separação, limpeza). *"Fazer uma*

queimada grande prá limpar o terreno, matar bicho bravo. Então o fogo significa muita coisa, cozinhar, porque sem o fogo ninguém cozinha. Limpa o terreno, meu terreno mesmo foi limpado com fogo”.

O Imaginário, que se deixou perscrutar neste protocolo onde o tempo dos recomeços se faz presente, tanto na parte pictórica quanto na parte semântica do teste AT-9, apresenta um conjunto de imagens pertencentes ao regime Noturno das Imagens, e a estrutura emergida é a Sintética/Disseminatória/Dramática, Pseudoestruturada.

Mas, infelizmente, não podemos deixar de observar a fragilidade do mesmo. Temos a impressão de estarmos diante de uma situação limítrofe, quer dizer, a desestrutura ronda aquele imaginário. Podemos expandir esta argumentação aos outros sujeitos.

(In)Conclusão

Em nenhum dos protocolos emerge um imaginário heroico puro. A proximidade da morte, a consciência da idade avançada e o convívio com os numerosos falecimentos, comuns em uma instituição como a que estão vivendo, talvez tenham apaziguado os lutadores, domado nossos antigos heróis. Percebemos a preocupação com o cíclico, isto é, com a passagem desta para outra vida, a tendência em harmonizar vida e morte. Também encontramos aqueles que querem um canto, onde se sintam seguros, protegidos - místicos.

A oficina de música, construída com eles, no nosso caso, não teve a finalidade de como um remédio, ou como um processo terapêutico, promover o restabelecimento ou até mesmo a cura de algum problema físico ou psicológico. Percebemos, entretanto, que as canções são posse de cada um dos sujeitos que, embora todos nós conheçamos uma determinada melodia, pois cada música tem a sua época e os meios de comunicação se incumbem de difundir-la, ela, quando penetra em cada um de nós, vai se associando a nossa história, as nossas emoções. *Olhe! Está tocando a nossa música, dizem os apaixonados. Em um momento de tristeza, dizemos: Está é a música que meu pai mais gostava... Como reforça Dona Canário: “Cantar é bom, mas lembrar do passado não é. Porque sempre lembro de coisas boas e coisas ruins”.*

Concluimos que a atividade musical, principalmente esta que praticamos como parte integrante da pesquisa IATO, em que os participantes escolhem o repertório e também têm a oportunidade de expressar seus sentimentos e as histórias evocadas, foi importante na recuperação, reestruturação ou, melhor dizendo, na re-construção, tijolo por tijolo, lembrança por lembrança, mesmo que com tênue argamassa, do imaginário dos idosos institucionalizados. Também percebemos que a oficina, atividade em que todos dependerem uns dos outros, reforçou o companheirismo e o espírito de solidariedade.

A prática do canto com os asilados criou um espaço propício para que eles pudessem relatar as experiências ali rememoradas e principalmente escutá-las com toda a atenção, nunca interferindo na fala do outro. Isso trouxe uma alegria, uma felicidade inusitada, àqueles que falavam e também aos ouvintes, pois incorporamos à nossa própria história as vivências relatadas, naquele instante único, naquele espaço único.

A música pertence a todos, à coletividade, mas quando ela se apossa das nossas emoções, naquele determinado *flash* temporal, ela se individualiza, ela é de cada um.

O momento do cantar é complexo, pois quando formamos um conjunto com a finalidade de, naquele instante, recriar uma obra artística, somos NÓS, e dessa maneira nos integramos/entregamos ao grupo, mas as lembranças, os sentimentos aflorados, também, naquele instante afloram, também me individualizo, sou EU. Na complexidade da relação entre o EU e o NÓS, pois “posso inscrever um “Nós” em meu “Eu”, como posso incluir meu “Eu” em um “Nós” (Morin, 2009, p. 122), está o sujeito, que, naquele momento, pode manifestar a consciência de que “é a emergência última da qualidade do sujeito. É uma emergência reflexiva, que permite o retorno da mente a si mesma, em circuito” (Morin, 2009, p. 127). É alcançar o “Vórtice” (Ferreira Santos, 2000, como citado em Porto *et al.*, 2000).

A instituição nos faz perder a individualidade, em função das diversas rotinas impostas, com seus tempos rígidos, substituindo a marca individual do nome pela alcunha de velhinho, idoso asilado; ela captura o tempo individual, em que semanas, meses e dias já não significam mais nada... Os idosos institucionalizados vão, pouco a pouco, excluindo-se da vida política, do convívio social, entregando-se cada vez mais ao ritmo robotizado da instituição.

Aquele momento do cantar, do compartilhar, do sentir, do externar os sentimentos, do encontro entre o “Nós” e o “Eu” nos leva a viver o instante mágico de nos sentirmos sujeitos novamente, participantes ativos de uma sociedade que “não está entregue somente, sequer principalmente, a determinismos materiais; ela é um mecanismo de confronto/cooperação entre indivíduos sujeitos, entre os “Nós” e os “Eu” (Morin, 2009, p. 128).

Não há um repertório-padrão. Uma receita. O que existe é a profunda relação entre a música e o ser humano. É nesta relação arquetípica, isto é, no trabalho com esta relação profundamente individual que encontramos a possibilidade de reestruturação.

Os idosos que habitam o asilo – por meio do encontro com a música, com a poesia cantada e com o “outro” - que estava despercebido na proximidade física do mesmo quarto, mesmo refeitório e espaço em geral – puderam, novamente, encontrar o caminho do viver, que é sentir intensamente os seus desejos e o mundo que os cerca. É saberem-se finitos em um universo infinito; enfim, é sentirem-se co-partícipes do movimento criativo do universo, uma nota, única, da canção que promove a perfeita dança cósmica.

Cantar é bom!, é o que evidenciam e fazem ecoar os idosos asilados participantes da Oficina de Poesia Cantada, 2009...

Referências

Bachelard, G. (2007). *A intuição do instante*. A.P. Danesi, Trad. Campinas (SP): Versus.

_____. (2008). *A poética do espaço* (2ªed.). A.P. Danesi, Trad. São Paulo (SP): Martins Fontes.

Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (2008). *Dicionário de símbolos* (22ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): José Olympio.

Durand, G. (2002). *As estruturas antropológicas do imaginário* (2ª ed.). H. Godinho, Trad. São Paulo (SP): Martins Fontes.

Durand, Y. (1988). *L’exploration de L’Imaginaire. Introduction à la modelisation des univers Mythiques*. Paris (Fr.): L’Espace Bleu.

Faleiros, V.P. & Loureiro, A.M.L. (Orgs.). (2006). *Desafios do envelhecimento: vez, sentido e voz*. Brasília (DF): Universa.

- Faleiros, V.P., Loureiro, A.M.L. & Penso, M.A. (Orgs.). (2010). *O conluio do silêncio: a violência intrafamiliar contra a pessoa idosa*. São Paulo (SP): Roca.
- Ferreira Santos, M. (2000). Música e literatura: o sagrado vivenciado. In: Porto, M.R.S., Teixeira, M.C.S., Ferreira Santos, M. & Bandeira, M.L. (2000). *Tessituras do imaginário*. Cuiabá (MT): EdUNIC, CICE/FEUSP.
- _____(2009). *Parecer para exame de qualificação*. São Paulo (SP): FEUSP. (Enviado pelo correio para a Banca de Qualificação).
- Freitas, E.V., Py, L., Cançado, F.A.X., Doll, J. & Gorzoni, M.L. (2006). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (2ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan.
- IBGE. *Esperança de Vida*. Recuperado em 23 fevereiro, 2012, de: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2271&id_pagina=1&titulo
- Jaramillo, I.F. (2006). *Morrer bem*. Magda Lopes, Trad. São Paulo (SP): Planeta.
- Jung, C.G. (2007). *A prática da psicoterapia* (10ª ed.). M.L. Appy, Trad. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Levitin, D.J. (2010). *A música no seu cérebro*. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira.
- Loureiro, A.M.L. (2004a). Moléculas de mundo no espaço imaginário de um Asilo. Recife (PE): *XIII Ciclo de Estudos Sobre o Imaginário*. (inédito).
- _____(2004b). (Org.). *O velho e o aprendiz. O imaginário em experiência com o AT-0*. São Paulo (SP): Zouk.
- _____(2008, out./dez.). A batuta da morte a orquestrar a vida. *Interface*, 12(27), 853-862. Botucatu (SP).
- _____(2000). *A velhice, o tempo e a morte. Subsídios para o possível avanço do estudo*. (1ª reimp.). Brasília (DF): Editora Universidade de Brasília.
- Loureiro, A.M.L. (2009). *Relatório de Pesquisa: Imaginário, Idosos Asilados Tabagistas e Organização de Asilos: Organizacionalidade Antropolítica - IATO*. Brasília: aprovado pelo CNPq, 2009. (1 CD-ROM).
- Morin, E. (2008). *Amor Poesia Sabedoria* (8ª ed.). E.A. Carvalho, Trad. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil.
- _____(2009). *A Cabeça Bem-Feita* (16ª ed.). E. Jacobina, Trad.. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil.
- Py, L. (2006, nov.). Ética na abordagem de pacientes terminais. In: *Seminário Velhice Fragilizada*. São Paulo (SP): SESC.
- Santos, M. (2007). *Pensando o espaço do homem* (5ª ed.). São Paulo (SP): Editora da Universidade de São Paulo.
- Zimerman, G.I. (2005). *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre (RS): Artmed.

Recebido em 02/12/2012

Aceito em 30/12/2012

Alberlei Schlögl - Licenciatura em Psicologia. Bacharelado em Psicologia e Música. Pós-Graduação em Didática do Ensino Superior. Mestrando em Gerontologia na Universidade Católica de Brasília.

E-mail: alberleis@terra.com.br

Altair Macedo Lahud Loureiro – Graduação em Pedagogia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição (1964); Mestrado em Educação, Universidade Federal de Santa Maria (RS) (1970); Mestrado em Educação, Universidade de Brasília (DF) (1976); e Doutorado em Educação, Universidade de São Paulo (SP) (1993), com Bolsa Sanduíche - França e Suíça - CAPES/MEC (1991). Aposentada da Universidade de Brasília (2001). Consultora de pesquisa da NEPTI/CEAM/UnB. Conselheira do Conselho de Educação do Distrito Federal – CEDF. Docente RTC-Doutor, na Universidade Católica de Brasília. Experiência na área de Educação - Antropologia das Organizações, Antropologia do Imaginário e Gerontologia, atuando principalmente nos seguintes temas: imaginário, violência, velhice, asilos, arquétipo teste de nove elementos - AT-9; nas áreas de Educação e Gerontologia. Pesquisadora do CNPq.

E-mail: altair@ucb.br

Marcos Ferreira Santos – Folklorista, arte-educador e pedagogo, Doutor (FE-USP, 1998) e pós-doutoramento em Hermenêutica Simbólica, Universidad de Deusto (Bilbao, País Basco, 2003). Atualmente, professor de Mitologia, livre-docente na FE-USP. Professor visitante de mitohermenêutica nas Universidad de Deusto, Bilbao (E.H.- País Basco, 2003), Universidad Complutense de Madrid (2005), Universidad Autónoma de Madrid (2009 e 2010), Universität Ramón Llull (Barcelona, 2005), Universidad San Buenaventura Cali (Colombia, 2009 e 2010), Universidad de Concepción (Chile, 2011) e IAEN - Instituto de Altos Estudios Nacionales da Universidad de Postgrado del

Gobierno (Ecuador, 2011). Membro do Conselho Consultivo da Aliança pela Infância no Brasil. Tem atuação em pesquisa, ensino e extensão na área de Antropologia da Educação, sobretudo nos seguintes temas: mitologia comparada, ambientalismo, antropologia do imaginário, mitohermenêutica, religiosidade e arte-educação. Cultivador de bonsai tropical e penjing. Site: <http://www.marculus.net>.
E-mail marculus.mitologias@gmail.com

Carmen Jansen de Cárdenas - Graduada em Pedagogia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1967), bolsista do DAAD Pós-Graduação Psicologia do Desenvolvimento em Göttingen, Alemanha (1967-1968). Especialista em Orientação Educacional e Vocacional pela Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro (1978-1980). Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (1995) e Doutora em Psicologia Instituto de Psicologia pela Universidade de Brasília (2000). Terapeuta de Família abordagem sistêmica (1999-2001). Professora-Adjunto III da Universidade Católica de Brasília. Docente e Pesquisadora colaboradora nos Mestrado e Doutorado Stricto Sensu de Psicologia e no Mestrado Stricto Sensu de Gerontologia. Orienta dissertações de mestrado. Docente na Graduação em Psicologia, onde leciona a disciplina Psicologia do Desenvolvimento, com ênfase em Psicologia do Envelhecimento. Orienta graduandos em Psicologia nos trabalhos de conclusão de curso, TCC. Foi membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Brasília. No mestrado em Gerontologia leciona as disciplinas: Psicologia do Envelhecimento, Metodologia de Pesquisa e, na disciplina Tópicos especiais, Estudos do auto conceito e Aspectos psicossociais e qualidade de vida no envelhecimento. Coordenou o projeto Aprendiz da Paz, com financiamento da Petrobrás (2002-2004). Tem coordenado projetos de Pesquisa com ênfase em: desenvolvimento em múltiplos contextos; qualidade de vida; relações vivenciais afetivas, autoconceito, autoestima e autoimagem no contexto histórico cultural. Participa como pesquisadora no projeto interinstitucional, acerca de adolescentes em risco psicossocial. Coordenou o projeto de pesquisa aprovado pelo CNPq (dez. 2007): “Técnica expressiva como recurso terapêutico no tratamento de distúrbios cognitivos e afetivos em idosos com doença de Alzheimer”. Participa nos projetos de Pesquisa: “Serviços de saúde pública: distúrbios do sono em cuidadores de idosos com demência de Alzheimer: utilização de técnicas expressivas como recurso

terapêutico” (2011-2013) e “Concepções de saúde mental na perspectiva de jovens e seus familiares” e “Saúde mental dos adolescentes nas escolas”, com financiamento FAPDF e CNPq.

E-mail: ccardena@ucb.br

Armando José China Bezerra – Graduação em Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1971). Mestrado em Morfologia (1982). Doutorado em Ciências - Área de Anatomia, Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (1985). Residência Médica e Título de especialista em Cirurgia Pediátrica. Atualmente é docente-titular da Universidade Católica de Brasília. Tem experiência na área de Morfologia, com ênfase em Anatomia Humana e Embriologia. Atua também nos seguintes campos: História da Medicina, Ética médica, Deontologia Médica e Gerontologia. Foi conselheiro do CRM-DF, presidente da Sociedade Brasileira de Anatomia e presidente do XV Congresso Brasileiro de Anatomia. É sócio-honorário da Sociedade Brasileira de Anatomia, Professor-Emérito da Universidade Católica de Brasília e membro da Academia de Medicina de Brasília. Foi agraciado pelo Conselho Federal de Medicina com a outorga da comenda Moacyr Scliar de Medicina, Literatura e Arte, a qual, no dizer do CFM, foi conferida como reconhecimento pelo trabalho realizado ao longo dos anos em prol da sociedade e da medicina.